

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

29



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2020



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**29**

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**CH**  
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2020



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

Bruno dos Santos, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactorial Committee**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhã (Universidade de Lisboa).

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Katia Pozzer (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Kyriakos Savvopoulos (Oxford University), José Manuel Alba (Universidad de Jaén), Maria Fernanda Brasete (Universidade de Aveiro), Maria Jose López Grande (Universidad Autónoma de Madrid), Matheus Trevizam (Universidade Federal das Minas Gerais), Miguel Ángel Novillo López (Universidad Complutense de Madrid), Mona Haggag (Alexandria University), Nelson Henrique da Silva Ferreira (Universidade de Coimbra), Núria Castellano i Solé (Universidad de Murcia), Paulo Sérgio Ferreira (Universidade de Coimbra), Pietro Li Causi (Università degli Studi di Palermo), Rui Carlos Fonseca (Universidade de Lisboa), Rui Morais (Universidade do Porto), Susana Marques Pereira (Universidade de Coimbra).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2020

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

**Periodicidade:** Anual

**ISSN:** 0871-9527

**eISSN:** 2183-7937

**Depósito Legal:** 54539/92

**Tiragem:** 150 exemplares

**P.V.P.:** €15,00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

#### GUEST ESSAYS

11 UNA GENEALOGIA DEL SUJETO DEL DESEO

Foucault y la sexualidad de los Antiguos

*A GENEALOGY OF THE SUBJECT OF DESIRE.*

*Foucault and Sexuality in Antiquity*

María Cecilia Colombani

35 LA IMAGEN DE CAYO JULIO CÉSAR EN EL CINE

*CAIUS IULIUS CAESAR'S IMAGE IN THE CINEMA*

Miguel Ángel Novillo López

### 53 ESTUDOS

#### ARTICLES

55 THE LACHISH RELIEFS

The programmatic representation of the king

at war under Sennacherib

*OS RELEVOS DE LACHISH*

*O programa de representação do rei na guerra sob Senaquerib*

Violeta d'Aguilar

87 A PRODUÇÃO DO VIDRO NO EGIPTO DO IMPÉRIO NOVO

À LUZ DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS E ANALÍTICOS

*GLASS PRODUCTION IN NEW KINGDOM EGYPT IN LIGHT*

*OF THE ARCHAEOLOGICAL AND ANALYTICAL DATA*

Francisco B. Gomes

121 A IDEIA DE HISTÓRIA SEGUNDO OS ARQUIVOS REAIS DE MARI

*THE HISTORICAL CONCEPTION OF THE ROYAL ARCHIVES OF MARI*

Maria de Fátima Rosa

- 145 THE ANTHROPOID WOODEN COFFIN OF DIDYME  
FROM GRECO-ROMAN EGYPT  
*O ATAÚDE ANTROPOMÓRFICO DE DIDÍME DO EGIPTO GRECO-ROMANO*  
Ahmed Derbala e Rogério Sousa
- 175 TESEU, O PARADIGMA DO ATENIENSE ÁRISTOS  
Testemunhos de Pausânias e Plutarco  
*THESEUS, THE PARADIGM OF THE ATHENIAN ÁRISTOS*  
*Testimonies from Pausanias and Plutarch*  
Maria de Fátima Silva
- 203 ECONOMIC ACTIVITIES CREATING ARCHETYPES  
FOR TRADITIONAL ABSTRACT LANGUAGE:  
The farmer as the good man in the roman 'Agricola Instructions'  
*A ATIVIDADE ECONÓMICA COMO FONTE IMAGÉTICA DE LINGUAGEM SIMBÓLICA:*  
*O bom agricultor das instruções agrícolas romanas*  
Nelson Henrique da Silva Ferreira
- 229 A IMPORTÂNCIA RIBEIRINHA DE MIRAGAIA (PORTO)  
NO PERÍODO DA ROMANIZAÇÃO  
*THE RIVERSIDE IMPORTANCE OF MIRAGAIA (OPORTO)*  
*IN THE ROMANIZATION PERIOD*  
Ana Isabel Lino
- 251 SAKURA NO PAÍS DAS MITOLOGIAS:  
*Storytelling* mitológico e reino encantado  
*SAKURA IN MYTHLAND:*  
*Mythological storytelling and wonderland*  
Sílvia Catarina Pereira Diogo

## **271 NOTAS E COMENTÁRIOS**

*COMMENTS AND ESSAYS*

- 273 THE MORTEXVAR PROJECT  
Valuing variability in the ancient Egyptian mortuary texts  
Carlos Gracia Zamacona
- 281 MYTH, HISTORY, AND METAPHOR IN THE HEBREW BIBLE  
Por Paul K.-K. Cho  
José Augusto Ramos

295 UM NOVO OLHAR SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO:  
A perspectiva de J. G. Manning

*Elisa de Sousa*

305 ROMA NOSSO LAR:  
Tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)

*Ália Rodrigues*

### **313 RECENSÕES**

*REVIEWS*

### **419 IN MEMORIAM**

### **425 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**

*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**RECENSÕES**  
REVIEWS

verificarmos frequentemente referências e explicações na relação entre as religiões greco-romana e as religiões pré-clássicas. Deve ser referido que se trata de uma monografia recente (2019) e no fim de cada capítulo encontramos sugestões para bibliografia complementar igualmente recente e fundamental no âmbito da religião e cultura clássica.

**K. Leandro Peixoto Santos**

*Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*

**JÖRG RÜPKE** (2018), *Pantheon. A New History of Roman Religion*. New Jersey/Oxford, Princeton University Press, 551 pp. ISBN 9780691156835 (€ 39,00).

A obra em epígrafe é uma tradução de *Pantheon. Geschichte der antiken Religion* (2016). Neste estudo, Jörg Rüpke, um dos representantes da “Lived Religion”, pretende descrever a passagem de um mundo em que outrora se praticaram “rituais” para um mundo de “religiões”, que, segundo o A., é similar ao nosso. Esse mundo é o Mediterrâneo, recorrendo Rüpke ao exemplo romano. Para tal, faz um tratamento da “religião romana” desde o século IX a.C. ao século IV d.C. Esta abordagem inclui não só uma análise diacrónica mas também uma discussão temática.

No primeiro capítulo, depois de algumas reflexões metodológicas (pp. 5-11), as quais o A. propõe-se a falar de todas as entidades divinas como “actors” que podem ser “described as divine or gods, demons or angels, the dead or the immortal” (p. 7), Rüpke introduz três conceitos que vai tratar ao longo da obra: “religious agency”, “religious identity” e “religious communication”, trazendo à liça principalmente a importância das fontes materiais – arqueológicas, epigráficas, numismática e iconografia – e pondo ênfase na comunicação religiosa que, para o A., é o mais importante dos conceitos supracitados.

O segundo capítulo inicia-se com uma dissecação da Idade do Ferro na península itálica recorrendo o A. a um raciocínio dedutivo dos achados arqueológicos. A partir da amostra arqueológica, Rüpke explora as categorias de “especial”, e o papel dos deuses, corpos e outros elementos supra-humanos, analisando os rituais funerários e de depósito desde o século IX ao VII a.C.

No terceiro capítulo, Rüpke trata da passagem de locais de culto outrora “especiais”, os “depósitos”, para a “monumentalização” desses espaços desde o século VII até ao V a.C. Nestas novas dinâmicas, o A. enfatiza a competição das elites por estatuto, influência, oportunidades de casamento e alianças económicas ou militares. A monumentalização dos espaços religiosos faz-se sob o patrocínio das elites que, segundo o A., é um factor decisivo no que diz respeito ao êxito da comunicação religiosa. O quarto capítulo vem na sequência da apresentação efectuada no capítulo antecedente, mas focando-se na “prática religiosa” entre os séculos VI a III a.C. Rüpke, neste capítulo, completa as asserções anteriormente explanadas, salientando especialmente a comunicação religiosa entre “actores”. São referidos com maior acutilância o uso dos corpos, os ex-votos, a ritualização e a sacralização (u.g dos *ludi*), a instituição de calendários ou a poesia e imagem como processos que adquiriram estabilidade através da divulgação de mitos e lendas.

O quinto capítulo (sécs. V-I a.C.) propõe dissecar sobre como os “religious actors” se apropriaram das práticas religiosas. Rüpke examina como instituições, grupos (u.g. *pontífices*, *flamines*

e *augures*), fixação de templos e actividades levaram à criação de regras e práticas fixas. O sexto capítulo desenrola-se no mesmo sentido que o anterior, mas abrindo diálogo à linguagem religiosa em Roma entre os séculos III ao I a.C., que, de acordo com o A., evoluiu para um processo de “textuality of ritual” (pp. 158-163). Rüpke aponta a *disciplina Etrusca* e as *leges sacrae* como “textos” que foram ganhando importância no final da República. No sétimo capítulo chegamos, finalmente, à *aetas augustana*. Neste capítulo, cuja narrativa não difere muito de outras obras de referência, Rüpke descreve a centralização da autoridade religiosa. Apoiando-se em fontes habitualmente dissecadas, como o polímato Varrão, o A. expõe as diversas variantes em que Augusto se apropriou da religião – rituais, construção de templos, redefinição dos *collegia* religiosos, e cultura material (moedas, estátuas, calendários ou inscrições) –, que serviram para legitimar o programa político e social do *princeps*. Como dado pertinente, Rüpke afirma que o período augustano é um “saddle period” (p. 181) (or. *Sattelzeit*), conceito caro aos historiadores germânicos, normalmente designado para representar a substituição de uma velha ordem por uma nova. O oitavo capítulo representa o novo período inaugurado por Augusto (sécs. I-II d.C.), mas no que toca às oportunidades de expansão que este novo paradigma ofereceu. Na verdade, corresponde ao âmago do projecto de Rüpke: “Lived Religion” ou *Gelebt Religion*. Num dos capítulos mais longos da obra (pp. 211-261), o A. trata das novas oportunidades que a *pax romana* levou a inúmeros grupos sociais que estavam anteriormente excluídos (libertos, escravos ou mesmo pessoas de inferior extracto social), assim como ao desenvolvimento de megacidades no Império romano. Rüpke critica, ainda, alguns conceitos hodiernamente aplicados: religião “privada” e religião “doméstica”. Do ponto de vista do A., a religião está na “rua”, ou seja, desde os banhos públicos aos cantos da cidade. No nono capítulo, Rüpke analisa as interacções religiosas de Roma com o Mediterrâneo, apresentando os clássicos exemplos de Ísis e Serápis. Nesta perspectiva de centro para a periferia, o A. dissecou o culto dos imperadores e a adopção das elites locais do culto imperial, não uma disseminação desse tipo de culto, mas como resultado das relações com a *domus* imperial.

No décimo capítulo são apontadas as relações entre autoridade e religião, e os limites do controlo das elites políticas no que diz respeito à crescente afirmação da astrologia, adivinhação ou a erudição religiosa (sécs. I-III d.C.). O décimo primeiro capítulo conecta-se na definição de “textualization of religion” e “textual communities” entre o século I - III d.C. (pp. 329-363). Como exemplo desta nova tendência de “textualização”, Rüpke aponta que a “religião” teve muito mais importância nas obras de Plutarco e Luciano, autores do século II d.C., que em Cícero e Varrão, autores do século I a.C. (p. 336). No entanto, e enfatiza o A., estes textos não formaram nem grupos locais, nem grupos supranacionais. É igualmente neste capítulo que Rüpke aborda o judaísmo e o cristianismo como comunidades que nasceram a partir do texto. O capítulo final, que antecede o epílogo, aponta o culminar das novas abordagens religiosas iniciadas na *Sattelzeit*. Esta nova sociologia do Império romano, baseada na riqueza, urbanização e literacia, abriu espaço a uma nova era: a dos “conhecedores” de religião, que dominavam uma panóplia de conhecimentos baseados num sincretismo entre religião e filosofia (curiosamente Rüpke apenas dedica meia-página – p. 269 – a um dos expoentes deste sincretismo politeísta que é o *Burro de Ouro* de Apuleio). Finalmente, Rüpke aponta algumas conclusões. A individualização está presente no aumento das inscrições desde o principado dos Severos até ao início do século III d.C.: “I write (my or my family’s funerary inscription); therefore I remain” (p. 382); na proliferação de “empreendedores” religiosos

“Numerous small-scale religious entrepreneurs, service providers who promised more effective religious communication, specialists in astrology, divination, and healing, along with the removal of sexual or legal impediments [...]” (p. 382), tendo os indivíduos que Rüpke rotula de “intelectuais”: The spoken, and often written, word was their favored mode of operation. They shared a critical stance toward the elite and its religious practices, toward images and temples in particular, and animal sacrifice [...] and they objected in general to expensive religion” (p. 383). Assim, conclui o A. no epílogo, estariam, no século IV d.C., reunidas todas as condições para que se consolidasse o conceito de religião que, segundo Rüpke, vigora até aos dias de hoje (pp. 385-390).

Estamos perante uma obra ambiciosa e de enorme valor. O leitor, logo no segundo capítulo do livro, é apresentado com a história ficcionada de Reia, mulher da Idade do Ferro que vive em Sático, no Lácio, onde experiencia a “religião”, ou melhor a maneira como o “especial” entra na vida desta mulher imaginária. (pp. 24-26). Esta reconstrução imaginada, baseada na arqueologia, é o primeiro de os muitos pontos altos desta obra. O projecto “Lived Ancient Religion” leva-nos a pensar para além das construções tradicionais da religião ao afirmar que a “religião” é “the extension of a particular environment beyond the immediately plausible social milieu of living humans” (p.21). Há, contudo, alguns aspectos que obscurecem a obra e que merecem a nossa atenção. Quando, por exemplo, folheamos a obra, notamos a ausência de uma discussão acerca da «religião da polis», que o A. dedica apenas meia página (pp. 156-157). Recentemente aflorada por Scheid (v. a nossa recensão *The Gods, the State, and the Individual: Reflections on Civic Religion in Rome in Cadmo* n.º 27), teria sido pertinente discutir, pelo menos, as variações da “religião da polis” e/ou a importância desta em Roma e no Mediterrâneo. Nesse sentido, denotámos a ausência do testemunho de Políbio (séc. II a.C.), que é apenas brevemente citado no que diz respeito ao *funus publicum* romano, mas não é referido que o grego considerava que o aspecto mais importante da República Romana é a *deisidaimonia* (lat. *superstitio*), ou seja, segundo Políbio (Pol. 6.56), “o temor supersticioso dos deuses” seria a base da *res publica*. Questionamos, pois, se mitigar o papel da religião cívica em Roma não é descurar uma parte importante na análise da religião romana. Outro aspecto assaz curioso é a quase completa ausência dos deuses nesta obra. Há subcapítulos sobre templos e altares (pp. 63-73), mas nenhum sobre os deuses. Ficam algumas questões por responder: como seria este aspecto da religião romana que, ao contrário dos gregos, primava por uma quase ausência de mitologia? Por que razão haveria necessidade de incorporar divindades estrangeiras? E que “actores”, utilizando o termo de Rüpke, tomaram a iniciativa de incorporar estas divindades? E como o *populus* romano as aceitou? Outro aspecto a salientar é a inexistência de reflexão acerca dos mitos romanos. O mito de Rómulo e Remo, por exemplo, não é sequer aflorado e o A. poderia ter, na seqüência da abordagem do ponto de vista arqueológico, analisado a representação dos irmãos Vibena num dos túmulos de Vulcos (séc IV a.C.), o que, entre outros aspectos, sugere que o mito poderia ser bem mais antigo que as fontes escritas nos sugerem. O aspecto mais embaraçante da obra de Rüpke, situa-se, porém, no décimo primeiro capítulo, quando o A. discorre acerca das origens, ou melhor, da “invenção” do cristianismo. Baseado no testemunho de Markus Vinzent – que o próprio A. considera “still radical position” (p. 355) –, Rüpke aponta que os evangelhos canónicos foram escritos no século II d.C., tendo o primeiro “Evangelho de Marcião”, escrito em Roma, provocado uma resposta por parte de outros escritores e produzido os restantes evangelhos canónicos numa forma de “historiographical groundwork” (p. 355). O A. assinala, igualmente, que os *Actos dos Apóstolos* são uma obra do meio

do século II d.C., ignorando, por exemplo, a anterior circulação das cartas paulinas nas primeiras comunidades cristãs. Esta escolha não foi inocente. Rüpke, com a ideia de que Roma foi um “centro intelectual” entre o final do século I d.C. e o início do século III d.C., pretende, com base na tese de Vincent, enfatizar a Urbe como um *melting pot* intelectual. A utilização da teoria de Vincent, contudo, serve única e exclusivamente para uma aceção dogmática. Dentro deste campo de selecção arbitrária de fontes temos o caso de *O Pastor* de Hermas. Esta obra – de c. 130-145, escrita em Roma – é amplamente referida neste livro mesmo antes de se falar do cristianismo (u.g. pp. 311-312) de maneira a apresentar os cristãos como profetas e visionários que pertencem ao novo grupo de “empreendedores religiosos” que, claro, tem a sua origem em Roma. Outras obras que poderiam ter refutado esta aceção são ignoradas. No campo do judaísmo é referido o exemplo dos rabinos como paradigma dos novos “intelectuais”, mas o A. não aponta os antecedentes do judaísmo nesta prática como por exemplo o “Mestre da Justiça” do século II a.C. de Qumran ou a tradição sapiencial judaica. Por fim, apenas uma pequena gralha por parte do A.: o santuário romano de Panóias, embora localizando-se relativamente perto, não se situa em *Aquae Flaviae* (p. 314). Estas questões de pormenor não diminuem, porém, a qualidade da obra. Esta nova abordagem por parte de Rüpke vem abrir novos caminhos, colocar novas questões, e pôr em causa antigas aceções. Os primeiros seis capítulos são obrigatórios para qualquer estudioso da religião romana e a *Sattelzeit* augustana representa o pináculo da refrescante abordagem de Rüpke. Só os anos, porém, nos farão entender se esta obra terá o mesmo lugar que o *The History of the Decline and Fall of the Rome Empire* (1776-1788) de Edward Gibbon – ainda hoje uma referência – ou o *Augustus und die Macht der Bilder* (1987) de Paul Zanker.

A bibliografia é extensa, cuidada e inclui diversas obras e artigos do próprio A. As notas estão no final da obra e não a acompanhar o texto, o que dificulta o acompanhamento do tema. Possui um *Index*, mas o leitor teria também beneficiado de um *Index locorum et rerum*. O volume inclui ainda sessenta e quatro ilustrações. Louvamos, por fim, a tradução de todos os passos citados, dado que permitem uma maior aproximação à obra por parte de um público não especializado. Uma nota para o tradutor que verteu o título para a língua inglesa de uma forma que até o próprio leitor germânico se sentiria mais à vontade que o título ambíguo dado ao original alemão.

**João Paulo Simões Valério**

*Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*

**FIACHRA MAC GÓRÁIN eds.** (2020), *Dionysus and Rome: Religion and Literature*. Berlin/Boston, De Gruyter. 247 pp. ISBN 978-3-11-067156-8, (€99.95).

Tendo na sua origem um congresso realizado em Londres, em 2015, a presente publicação reúne oito ensaios sobre a identidade, a presença e a recepção de Dioniso em Roma. Os temas enunciados no título são amplos e de definição imprecisa: Roma, adverte-se na introdução (p. 3), é o conjunto de territórios sob domínio romano, por um lado; e, por outro, o par “religião e literatura”, pretende, segundo depreendemos, agregar as perspectivas e os âmbitos diversos do tema — embora,



**CADMO**

**REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA**

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO

### AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também considerados para publicação.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published on the aforementioned subjects are also published.

CH

CENTRO DE HISTÓRIA

---

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA